

# VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil  
20 a 22 de setembro de 2012

## MEMÓRIAS NARRATIVAS DE UM EDUCADOR SERTANEJO: A CORRESPONDÊNCIA ENTRE ANÍSIO TEIXEIRA E MONTEIRO LOBATO<sup>i</sup>

Luciete de Cássia Souza Lima Bastos<sup>ii</sup>

Eixo temático: Pesquisa fora do contexto educacional

**Resumo:** Este texto apresenta parte de uma pesquisa em desenvolvimento que investiga as correspondências pessoais trocadas entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, no período compreendido entre 1928 e 1947. A pesquisa busca compreender, a partir dessas missivas, as reflexões de Anísio sobre a leitura e o lugar do livro naquele contexto. As cartas podem revelar o universo singular que envolvia o emissor e o destinatário, as cidades dos envolvidos, sobre os assuntos que conversavam, as preocupações que os afligiam, as ideias que construíam e aquelas sobre as quais discordavam. Para tanto, serão levantados os elementos representativos da cultura letrada e a preocupação de Anísio Teixeira com a forma como esses elementos transitavam pela sociedade, criando cisões e exclusões quase irremediáveis.

**Palavras-chaves:** Anísio Teixeira. Correspondências. Cultura.

## NARRATIVE MEMORIES OF A *SERTANEJO* EDUCATOR: THE CIRRESPONDENCE BETWEEN ANÍSIO TEIXEIRA AND MONTEIRO LOBATO

**Abstract:** This text presents part of a developing research that investigates the personal correspondences exchanged between Anísio Teixeira and Monteiro Lobato, during the period comprised between 1928 and 1947. The research seeks to understand, from these letters, the reflexions of Anísio about the reading the place of the book in that context. The letters could reveal the singular universe that involved the issuing and the receiver, the cities of the involved, about the subjects that they conversed, the concerns that plagues them, the ideas that were built and those that were disagreed upon. Thus, representatives elements of the literate culture and the concerns of Anísio Teixeira with the way these elements transited through society will be raised, creating almost irreparable divisions and exclusions.

**Key-words:** Anísio Teixeira. Correspondences. Culture.

“Ao sol carta é farol”

Para abrir esta discussão utilizo, como epígrafe, parte do título do livro de Matildes Demétrio dos Santos (1998), de quem tomo de empréstimo a metáfora por ela utilizada para dizer da importância de um olhar cuidadoso sobre a escrita epistolar e redireciono essa ideia da importância do olhar para a correspondência de Anísio Teixeira, a qual pode fornecer informações preciosas para compor um amálgama da cultura e da identidade de uma parcela da sociedade caetiteense.

A escrita de si, como biografias, autobiografias e diários íntimos, que abarcam as histórias de vida, sempre despertou a curiosidade. Era prática comum pensar a correspondência, até o século XIX, com a simples função de comunicação entre remetente e destinatário, embora estivesse ligada ao exercício do poder político, militar ou religioso, como a carta de Caminha. Do ponto de vista heurístico, a utilização das missivas como documentação costuma apresentar algumas dificuldades. Entretanto, esse tipo de fonte vem sendo largamente utilizado por profissionais de várias áreas do conhecimento como a literatura, a sociologia, a psicologia e outras mais recentemente como a historiografia e a educação. A partir da década de 1980, o gosto do público pelo gênero biográfico e autobiográfico cresceu muito, estimulado, talvez, pelos novos aportes teórico-metodológicos experimentados pela história, que percebe, nessas fontes, um cabedal de informações que permitem reconhecer costumes, crenças, ideologias, tendências e problemas sociais de uma época através do concreto de uma vida privada. Segundo Tanno (2007, p.110):

Se os escritos de si e os interesses por eles acentuaram-se desde o século XIX na Europa, vemos que atualmente tornaram-se bem mais abrangentes, não somente porque dizem respeito à vida de qualquer pessoa, e não somente às figuras proeminentes da sociedade, como também porque os escritos de si tornaram-se objeto de pesquisa por parte dos especialistas das Ciências Humanas (...).

A riqueza dos acervos pessoais e as possibilidades de pesquisa, que essas fontes oferecem, levaram pesquisadores das Ciências Humanas a nutrirem considerável interesse pela investigação desse tipo de escrita que permite o conhecimento mais amplo de questões ligadas à história e à sociedade a que pertence ou pertenceu o sujeito a partir do estudo dos depoimentos pessoais. Esse interesse surgiu a partir da “valorização do indivíduo como sujeito histórico, que, nas brechas deixadas pelo sistema, pode fazer determinadas opções e assim tomar a direção de sua vida” (Tanno, 2007, p.1), firmando-se enquanto gênero a partir “do estabelecimento da sociedade burguesa e da difusão da noção de indivíduo” (Maciel, 2002, p.3) que passa a tomar consciência de sua condição de sujeito histórico.

Caetité, situada no Sudoeste baiano, é uma cidade de cultura efervescente desde remotas datas. Longe de ser uma pequena cidade encrustada no sertão nordestino, revelou-se uma sociedade letrada por manter estreitos laços de relações de comércio e culturais entre a elite local e os intelectuais das capitais do país e do exterior. Os jovens eram enviados para os grandes centros em busca de formação acadêmica, o que lhes garantiu visibilidade e lhes permitiu o cultivo de “finos tratos” que eram incorporados aos gostos familiares. Assim, a cidade, reconhecida pelos respaldos políticos e socioculturais mantidos pela elite local, mantinha-se atualizada acerca de tudo que efervescia nas capitais do país, na América Latina, na América do Norte e na Europa, conservando até nossos dias a alcunha de **cidade da cultura**.

Uma das famílias mais importantes do sudoeste baiano naquele período era a família Teixeira. O patriarca, Dr. Deocleciano Pires Teixeira, era um dos eixos do comando da política local e, como tal, proporcionava à sua família todo o requinte que a condição socioeconômica privilegiada possibilitava. O filho Anísio Teixeira vivia cercado de bens culturais desde tenra idade, formou-se em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como diretor da Instrução Pública do Estado da Bahia e tornou-se um militante no cenário da educação brasileira. Influenciado pelos pensamentos pragmáticos e modelos educacionais do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey, defensor da democracia e da liberdade de pensamento como instrumentos necessários ao desenvolvimento emocional e intelectual das crianças. Balizado por essas ideias de Dewey, para Anísio Teixeira a escola pública de qualidade para todos era a máquina capaz de preparar as democracias, por isso mesmo sua luta por ela se pautava na articulação entre teoria e prática. A capacidade intelectual e de trabalho do educador contribuíram para a reforma do sistema educacional brasileiro, introduzindo ideias que influenciaram o pensamento educacional dos anos 20 até nossos dias. Tratava-se de um nome importante para o cenário intelectual brasileiro, cujas ideias revolucionárias foram motivo para torná-lo alvo de perseguições políticas e supostamente razão para uma morte precoce, ainda hoje uma incógnita.

Anísio Teixeira foi remetente de numerosa literatura epistolar. Missivista ativo trocou cartas com diversas personalidades brasileiras, dentre elas, Monteiro Lobato, por quem nutria admiração, apreço e com quem construiu sólida amizade. Segundo Fraiz e Vianna (1986, p. 8), “Anísio Teixeira percebera a capacidade de ação de Monteiro Lobato, a força criadora, o espírito empreendedor, especialmente a ironia que fluía de seus pensamentos. Monteiro Lobato percebera em Anísio Teixeira a intuição notável, e uma Inteligência brilhante e original.”

O respeito mútuo e a admiração recíproca cresceu sem grandes esforços, a própria afinidade de ideias nacionalistas, a preocupação com o destino da educação brasileira e o desejo de dar um futuro promissor aos nossos brasileirinhos os uniu e consolidou a amizade que foi fomentada pelas correspondências trocadas no período compreendido entre 1928 e 1947. As cartas de Anísio Teixeira são textos de conteúdo crítico e de escrita cuidadosa, exatamente por esta razão, muitos de seus receptores preservaram parte dessa correspondência. Também o educador, quando no papel de receptor, guardou parte das correspondências trocadas com essas personalidades e todo o acervo foi disponibilizado para pesquisa por sua filha, Anna Cristina Teixeira Monteiro de Barros (Babi).

Apesar de todas as adversidades decorrentes das péssimas condições de transporte, a prática de troca de correspondências na família Teixeira era frequente e também eram responsáveis pela manutenção dos elos de sociabilidade com os mais variados segmentos sociais do interior, da capital e de fora do país:

Sigo amanhã para o sertão. Um mês no mato, pelo menos. Caçando, espojando-me, animalizando-me. E não pude comigo que lhe não mandasse algumas linhas (...) Já passou por aí aquela onda de capelinhas verdes e árvores de natal que cobre New York, todo fim de ano, decorativamente. (FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 46).

Este fragmento de uma das cartas escritas por Anísio Teixeira para Monteiro Lobato, datada de 1927, evidencia a manutenção do intercâmbio entre os dois amigos após a partida do primeiro para sertão e da permanência do segundo na América do Norte, onde se conheceram. Assim como a diferença entre os dois espaços frequentados por Anísio Teixeira: o sertão, ainda pouco explorado pelo desenvolvimento; e seu oposto, um mundo movimentado pelo consumo capitalista representado por Nova York. A amizade iniciada entre o educador e o criador de Emília rendeu inúmeras cartas, nas quais os missivistas discutem sobre diversificados assuntos relacionados à cultura letrada. Nelas, Anísio Teixeira demonstra constante preocupação e envolvimento com os rumos da política educacional brasileira, um olhar crítico sobre o contexto e grande habilidade no trato com as palavras, possibilitando reflexões teóricas sobre o seu envolvimento com a Escola Nova.

O processo de industrialização vivido entre as décadas de 1920 e 1940 atuou como um elemento dinamizador da sociedade brasileira. O modelo econômico baseado na agricultura cedeu lugar a um modelo agrário exportador que intensificou o desenvolvimento da sociedade brasileira e consequentemente da classe média. Segundo Nagle (1976, p.15), “Já então começa a se definir a passagem do sistema: baseado na agricultura de exportação, orienta-se

no sentido de uma nova sociedade semi-industrial. Se a passagem abre outras alternativas no campo econômico, também vai marcar os demais setores da sociedade brasileira.” Eram frequentes nessa década os discursos de que era preciso repensar a sociedade brasileira, colocando-a no mesmo patamar dos países da Europa e dos Estados Unidos, referências no processo de modernização. Com as palavras da pesquisadora Martins (2009, p.28) “(...) as propostas defendidas, no bojo do movimento renovador afirmavam a necessidade de transformar a escola existente, substituindo-a por uma nova escola, voltada para atender aos anseios da sociedade em franco desenvolvimento.” Com a Transformação da economia, surgiram e foram incorporados novos valores sociais, consequentemente a escola, como parte do mecanismo social, também sofreu modificações. Ao se pensar o sistema educacional no período é preciso considerar as relações que se estabeleceram na dinâmica social a partir das conjunturas sociais que surgiram.

Sistematicamente, foi no ano de 1920 que o ideário renovador penetrou no Brasil, tornando-se referência para as políticas públicas reformistas até os anos de 1947. A elite se encarregou de divulgar e de concretizar aqueles ideais por ela apoderados, através da legislação de ensino e da construção de discursos sobre a importância da educação popular. Aquele foi um ano fértil em discussões sobre a função social da escola, o que promoveu maior aproximação entre ela e os ideais modernos de educação e da Escola Nova, fatos que antecedem a massificação do sistema educacional brasileiro. Segundo Berger, (1980, p.29) “(...) antes de 1930 apenas as camadas superiores tinham acesso à escola, enquanto que as camadas inferiores, abrangendo a grande maioria da população, muito raramente freqüentavam escolas.” Procurou-se fazer a compreensão do que representou os ideais da Escola Nova no Brasil a partir da discussão da educação como uma proposta dos tempos modernos. Escreveu Martins (2009, p.32) que “a análise histórica das especificidades da modernidade, de seu projeto educativo, das formas assumidas por este projeto, expressas através de particularidades da educação, possibilitaram desvelar algumas das relações entre a modernidade e a proposta da Escola Nova, tendo sido possível destacar o sentido político presente no movimento renovador.”.

Foi nesse cenário brasileiro que as ideias de Anísio Teixeira, embasadas no pensamento deweyano, emergiram. Nunes (2000) afirma que Anísio Teixeira acreditava que a identificação das aptidões levaria ao aproveitamento máximo das potencialidades de cada indivíduo, permitindo o crescimento pessoal e, em última instância, a reorganização da sociedade, afinando seu pensamento com as ideias preconizadas por seu mentor.

Os amigos, Monteiro Lobato e Anísio Teixeira, apoiavam os projetos profissionais um do outro e, quando necessário, criticavam ou davam sugestões, mas o mais frequente era a admiração que um nutria pelo trabalho do outro. Nesta carta de Lobato a Teixeira, escrita de Nova York, em 22 de junho de 1928, ele elogia o amigo e o previne da possibilidade da falta de entendimento daqueles que poderiam apoiá-lo no projeto, dando às ideias Anísio Teixeira o apoio que elas requeriam para dar novos rumos à educação do estado:

Recebi o seu livro [supostamente *Instrução Pública no Estado da Bahia*, Imprensa Oficial, 1928] e estou a lê-lo com o interesse e simpatia que me causam os trabalhos “pensados”. Que penetração, que visão segura do problema! Poucas vezes na vida tenho encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante. Se no Brasil houvesse ressonância para as ideias esse livro calaria fundo e marcaria época. Infelizmente as coisas são o que são. Poucos lerão o seu trabalho – e menos ainda o entenderão (...) (FRAIZ, Priscila & VIANNA, Aurélio, 1986, p.31).

Em outra carta datada de 7 de julho de 1937, Anísio Teixeira escreve ao autor de *Reinações de Narizinho* nestes termos:

Com presteza que comoveu o meu senso paleolítico das distâncias, você mandou em resposta às minhas saudades a sua melhor e mais esplêndida carta, uma carta em que eu e nós, os quase três, nos rebolamos até hoje, babando de puro gozo espiritual. Até o sobretudinho cor de camelo ainda existe ouviu e reouviu a leitura, e não deixei de notar uns estremecimentozinhos de saudades... de sua terra. Aqui também faz frio (850m de altitude), mas não faz barulho como em Nova York, nem faz pensamento e trabalho como lá. E aquela lãzinha é moderna e inquieta e toda se encrespa com a prolongada monotonia do país da ociosidade. Leio-lhe Rangel, Vida ociosa. Ela acha bonito, mas dá de ombros ... Que se há de fazer? É um caso a Joice ... Consolam-na os meus livros. Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato. E fazem-lhe bem esses homens de amanhã. Vivo com eles mergulhado no futuro. Muitos têm saudades do passado; nós, eu e a lã, temos saudades do futuro. É uma sensação esquisita e muito mais eufórica (...) (FRAIZ, Priscila & VIANNA, 1986, p.81.)

As missivas, assim como os jornais, não chegavam com a velocidade desejada, mesmo assim, possibilitavam a circulação de informações sobre diversificados assuntos e ideias que fomentavam a vida dos intelectuais fora e dentro do país. No excerto acima, encontramos indícios de práticas culturais letradas: “não faz barulho como em Nova York, nem faz pensamento e trabalho como lá”, “Leio-lhe Rangel, Vida ociosa”, “É um caso a Joice” e “Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato”, práticas comuns a algumas famílias de Caetité e, em particular, aos Teixeiras.

A valorização dos arquivos pessoais está ligada, desde o século XVIII, ao crescente poder da escrita que se estendeu para o nosso cotidiano. Artières (1998, p.13) afirma: “esse

lugar crescente da escrita na vida de todo dia tem como consequência uma gestão diferente dos nossos papéis. Assim, é imperativo na nossa sociedade manter arquivos domésticos” e, ao dizê-lo, aponta para a crescente valorização da escrita nas sociedades ocidentais modernas. Para existir e exercer a cidadania, é preciso inscrever-se nos registros oficiais, mas não é o bastante, os arquivos pessoais também são necessários para guardar a memória. Segundo o mesmo autor, essa exigência não atende apenas a uma função ocasional, “o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Nada pode ser deixado ao acaso, devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo, para existir no cotidiano.” Artières (1998, p. 14). O autor percebe, no arquivamento do eu, a afirmação de uma identidade e também um mecanismo de resistência. “O homem aprende com o pretérito para se preparar para o devir, mas é no presente que aciona o mecanismo que interliga os outros tempos.” (Bastos, 2011, p.2)

A partir do século XX, o indivíduo e sua trajetória passaram a ser mais valorizados e a produção de uma memória pessoal e individual ganha cada vez mais espaço na sociedade moderna e o gosto do público pelo gênero biográfico e autobiográfico cresceu muito. Os pesquisadores não apenas da área das letras, como também da historiografia, passaram a ver nesse tipo de fonte uma imensurável possibilidade para pesquisa. Esta aproximação da historiografia com as letras, em particular com a literatura, através da biografia, trouxe para ambas as áreas de conhecimento técnicas e questionamentos que eram específicos de cada uma. Segundo Janete Tanno (2007, p.114), “o arquivo pessoal de pessoas públicas responde a motivações diferentes para o acúmulo e guarda de documentos sobre si, não somente por injunção social, mas pelo tipo de atividade profissional desenvolvida pelo titular, podendo mesmo ter a intenção de uma futura autobiografia”. Se uma autobiografia era a meta de Anísio Teixeira é difícil precisar, o que interessa a essa pesquisa é que as cartas por ele escritas podem revelar nuances de uma Caetité letrada da qual fazia parte e que ajudou a consolidar.

Através da correspondência, como *voyeuse*, participamos da intimidade cotidiana e de relatos das confidências da vida privada de Anísio Teixeira e de Monteiro Lobato que podem surpreender o leitor contemporâneo e descortinar uma variedade de assuntos que interligavam, de modo inusitado, as dimensões públicas e privada, permitindo vislumbrar níveis de intimidade construídos e consentidos entre o intelectual do sertão e do sudeste, revelando não só o caminho da construção e do estreitamento da amizade entre os missivistas, mas também as discussões intelectuais que travam no momento da escrita, donde se podem extrair reflexões sobre a circulação de bens culturais impressos e também o crescimento das

ideias do intelectual reformulador da educação brasileira nas décadas de 1920, 1940 e 1950, cuja visão ousada causou desconfortos em vários segmentos da sociedade brasileira. Anísio Teixeira é um nome importante para a educação e fonte para muitas interpretações. Segundo Nunes (2000, p.345), “O sentimento de pertencer a um certo grupo se traduzia (...) também por uma linguagem e uma temática que compartilhavam e por meio das quais se reconhecem e foram conhecidos”.

Segundo Ribeiro (2009, p.18), “por mais que seja volumoso o número de papéis produzidos por cada indivíduo da família [Teixeira], o fluxo de documentos compõe apenas fragmentos de trajetórias e experiências vividas pelos sujeitos presentes direta e indiretamente nas cartas”. Mesmo assim, acreditamos, compõe uma rede, da qual o pesquisador pode extrair informações significativas para a compreensão de diversos aspectos da sociedade da época, assim como para compreender o pensamento daquele missivista e sua relação com a cultura e a educação de hoje em Caetité. Se por um lado essas cartas podem ratificar a fortaleza do mito, por outro podem desvendar um homem perseguido e mal compreendido.

A crítica de Bourdieu (1996) em relação às biografias pode também ser pensada em relação aos arquivos pessoais, visto que a desejada unidade e coerência perseguidas e construídas pelo biógrafo ou pelo responsável pelo arquivo não correspondem à história de vida do biografado ou a seu arquivo, que se exprimem pela descontinuidade, pela fragmentação e incoerência, pois sabemos que os arquivos são resultado de um momento cristalizado pela memória, além de ser bastante comum a arrumação de documentos pessoais, conforme as expectativas e necessidades diante da vida. Segundo Artières (1998, p. 11), “(...) a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas” e Janette Tanno (2007, p.116) ratifica esse pensamento ao explicitar a manipulação dos arquivos pessoais: “Assim como a vida é reinterpretada e redefinida ao longo da sua trajetória, os documentos também seguem essa mesma lógica e esta deve corresponder à identidade do momento presente”. Tanto os arquivos de pessoas comuns quanto os de personalidades públicas podem ser manipulados antes de chegarem ao público.

A proposta de Bourdieu (1996, p.82) de superar tanto o objetivismo estruturalista quanto o subjetivismo interacionista (fenomenológico, semiótico) me interessa na medida em que permite analisar como os agentes incorporam a “estrutura social” ao mesmo tempo em que a produzem, a legitimam e a reproduzem, pois a verdade da interação nunca está totalmente expressa na maneira como ela se apresenta para nós. Existem realmente as estruturas objetivas que coagem as representações e ações dos agentes, mas estes, por sua vez, na sua cotidianidade, podem transformar ou conservar tais estruturas. Para o crítico, os



momentos objetivo e subjetivo das relações sociais estão sempre numa relação dialética e dinâmica. Seu conceito de “ilusão biográfica” nos ajuda a compreender a posição do sujeito no contexto. Ele considerou indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, em uma pluralidade de campos, a cada instante. A biografia ideal seria, então, aquela construída por meio do “nome próprio”, indicador hirto de uma identidade social que, pela constância e duração, garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis. Desse modo, afirmamos com Azevedo (2004, p. 207) “o sujeito transita em tempos e espaços diferentes, submetido a incessantes transformações, não ficando prisioneiro de um mesmo nexos, mas entendido dentro de uma dinâmica que reflete o sentido dialético da vida social”. É nessa perspectiva de movimento que também os arquivos devem ser entendidos, principalmente quando se trata de correspondências em que a dinâmica é marcada pela leitura/escrita entre os missivistas.

Para Philippe Artières (1998), arquivar a própria vida é ainda uma prática dinâmica e plural que tem por objetivo um futuro leitor. Nesse sentido, o papel do destinatário do discurso é sempre algo relevante a ser levado em conta na leitura/análise desse tipo de narrativa. A percepção do “outro” nas cartas, por íntimas que sejam, faz-se via temática abordada, de tal modo que o “eu” passa a figurar num subplano. Frente a essas correspondências é necessário visualizar tanto sua produção como sua recepção: “um tipo de escrita e uma forma de leitura – impulsos variados movem quem escreve e quem lê, mas tudo se volta para a criação de um mundo particular, único”, afirma Maciel (2002, p.61). Essa relação “outro/outros” se estabelece na leitura, com o destinatário das cartas ou possível leitor que delas se apropria. Quem escreve se expande no espaço e no tempo cronológico, propiciando imagens originadas dessa escrita íntima que servem para historiar momentos da vida de ambos os envolvidos e que se tornam de interesse público, muitas vezes revelando uma singularidade de escrita que possibilita ao pesquisador, inclusive, o reconhecimento de um estilo. Afirma Ribeiro (2009, p. 26): “A cronologia, o local de envio das cartas, o assunto tratado podem possibilitar entrever, com relativa margem de erro, os locais ocupados pela personagem em questão no instante de recebimento e envio das cartas”. Ilustra essa discussão outro fragmento das cartas, desta feita tendo Monteiro Lobato como emissor:

Recebi a tua carta e dou-te parabéns por já te vires te aproximando da civilização, que, apesar de sórdida, é o nosso “clima”, como diz o Assis Chateaubriand. (...) Falei ao Otales sobre o Wells, ele mandou escrever para Londres atrás dos direitos. (...) mandei-te uma *Prensa* e um número da revista *Ser*, para que vejas a penetração da Emília na Argentina. Baco vai montar a Editorial Emília, para lançar toda a minha série. Consta-me que já

arranjou financiamento. A Emília, a Emilinha – quem havia de esperar tanto, que até desse nome a uma casa editora? (FRAIZ, Priscila & VIANNA, 1986, p. 84)

Os arquivos pessoais dizem respeito à história de uma personalidade, mas é o particular que informa o social. Do fragmento é possível depreender que as notícias veiculadas tomam uma dimensão mais ampla, extrapola o âmbito do particular e íntimo, revelando questões de interesse coletivo como, por exemplo, a circulação da revista *Ser*, a criação de uma editora na Argentina com o nome de uma personagem da literatura infantil brasileira e também as providências para que Anísio pudesse traduzir a obra de Herbert George Wells, da qual se tornou zeloso tradutor. Assim, a micro-história pode ajudar a desvelar assuntos de interesse coletivo. Minha pesquisa caminha por este viés ao buscar compreender a construção de uma Caetité letrada a partir da percepção e atuação de Anísio Teixeira, em sua relação familiar e de amizade com Monteiro Lobato. Acerca da micro-história para o estudo da escrita de si, cito Tanno (2007, p.116):

Quando falamos de arquivos pessoais, estamos tratando da constituição do sujeito em sociedade, inserido e engendrado nas tramas cotidianas da sobrevivência em algum lugar e época histórica. Rastrear seu modo de vida, suas experiências e sua inserção em algum grupo social estabelecido e seus conflitos internos e com o meio em que vive é uma prática de pesquisa que requer alguns instrumentos que são oferecidos pela micro-história

Segundo essa prática, ao reduzir a escala de observação, torna-se mais fácil ao pesquisador proceder a uma análise minuciosa e intensiva dos documentos. Em Sinais. Raízes de um paradigma indiciário, Ginzburg (1990, 143) explicita como pretende explicar o método de análise histórica, buscando suas raízes no paradigma indiciário, método de pesquisa baseado em pequenas pistas capazes de remontar a uma realidade maior e mais complexa que o objeto de pesquisa em si e de dar sustentação a conclusões mais amplas. Vale ressaltar que, para demonstrar como se deu a emergência desse paradigma, o autor vale-se do método indiciário na construção do próprio texto Sinais.

Um olhar atento às pistas deixadas nas entrelinhas dos discursos das correspondências em análise pode possibilitar entrever instâncias significativas do pensamento de Anísio sobre leitura e circulação de bens culturais impressos e a sua importância registrada no diálogo íntimo mantido entre o educador e o amigo. Mais do que isso, como escreveu Ângela Gomes (2004, p.11), revelar também a construção de um “teatro da memória”, ou seja, um espaço privado onde: “as práticas da construção de si podem ser entendidas como englobando um

diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si (...) até a da constituição de memória de si (...).” Esse conjunto de ações caracteriza, segundo a mesma autora, a necessidade de o indivíduo dar “significados especiais” às coisas do mundo circundante correlacionadas a sua vida privada. Neste fragmento ilustrativo, Anísio escreve sobre sua admiração pelas atitudes do amigo, que escreve uma obra cujo teor amplia a visão crítica infantil:

Dentro de meses saem o seus novos livros [Serões de Dona Benta, Histórias de Tia Anastácia e o Poço do Visconde], os de ciência... E o mundo sem fantasmas que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, trabalho que me entenece a inteligência muito mais que você o possa imaginar. Quando vejo, a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha dorsal ao nosso invertebrado Brasil econômico, e com os seus livros arejar a inteligência do menino brasileiro que se vai erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se há de afinal construir a “componente nova” do Euclides. (FRAIZ, Priscila & VIANNA, 1986, p.83)

A partir da microrrealidade que circunda o missivista, é possível vislumbrar a universalidade que reside no senso da existência e resgatar as ideias e bens culturais representativos de uma época. A carta é escrita, supostamente de Caetité segundo os autores da coletânea, e revela o estado de espírito de Anísio diante da economia brasileira de 1937. É provável que Lobato, o leitor primordial, tenha se identificado com o retrato composto pelo amigo. O leitor contemporâneo acaba por buscar indícios que possam criar um mundo a partir do simulacro proposto pelo autor, buscando verdades que só são possíveis nos limites da própria escrita, a verdade da vida narrada. Os indícios deixados na escrita podem servir de aporte significativo para a compreensão do pensamento anísiano nas entrelinhas em que ele se inscreve.

Se tem pretensão de verdade, tem algo de ficção, pois, na busca de si mesmo, o missivista ficcionaliza o que viveu, embora não deixe de ter um caráter de permanência e universalidade na medida em que versa sobre assunto de interesse público. Quem escreve uma carta (e se inscreve) interessa-se por dizer as miudezas do dia a dia e, ao fazê-lo, coloca em evidência, sob a subjetividade própria desse tipo de escrita, as grandes dúvidas e indagações humanas. Esse tipo de escrita possibilita o mapeamento da memória de uma época, e preservá-la é conservar viva a história de uma sociedade e um exercício de ser e estar no mundo.

O autor escreve a missiva sem a pretensão de que outro leitor, além daquele destinatário, vá ler. Não imagina, no momento da escrita, que um leitor, situado num tempo futuro e desconhecido, possa vir a ler suas cartas e nelas ver representações de uma época e de um pensamento, para além de seus relatos íntimos, vistos como circunstanciais e cotidianescos. Esses escritos podem ser a chave para o desvendamento de algo que, em princípio, é pessoal, mas que se expande ao universal na medida em que interfere no pensamento de uma época e desta época visualiza um devir - futuro ainda não projetado ou sequer imaginado. A enunciação marcada pela estrutura fragmentada não inviabiliza a composição de um todo coeso de cujo enunciado se pode extrair situações, eventos, descrições e sensações, ligados a datas cronológicas, tornando-se coerente não apenas pela possibilidade de (re)construção desses elementos, mas também pelas leituras possíveis que sua forma comporta e que podem funcionar como material de referência para a coleta de indícios, que no conjunto podem compor um amálgama pleno de significados.

Assim como na literatura, também na escrita epistolar a verdade transita e se relativiza nos limites da sua subjetividade. Segundo Ângela Gomes (2004, p. 14), “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’(...)”. O que interessa é a ótica de seu autor e como expressa o fato, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de “como o autor diz que viu, sentiu e experimentou” um acontecimento pretérito. É preciso considerar, ao analisar o que o autor escreveu, determinadas características próprias da escrita de si, tais como as relações da escrita com seu autor, seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária desse “eu” inscrito.

Tratando-se da escrita epistolar, é importante estar atento para todas as questões, não apenas aquelas que envolvem o missivista, mas também a relação que aquele estabelece com o destinatário da correspondência por constituir um sistema complexo que mantém intercâmbio significativo entre suas partes. A análise da correspondência entre Anísio e o criador do Sítio do Pica-pau-amarelo pode revelar a rede de sociabilidade e o prestígio social e acadêmico que o educador conquistou entre os intelectuais brasileiros. De acordo Ângela de Castro Gomes (2004, p.19), “a idéia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas”. Assim, o papel de Monteiro Lobato é de crucial importância para o desenrolar dos relatos, o aprofundamento das ideias veiculadas e também na preservação das missivas. A estrutura narrativa das correspondências revela um tempo entrecortado por outro tempo de espera, para que a sequência se revele pautada na instigação do anterior receptor que se transformou em enunciador do discurso. Anísio Teixeira é o

enunciador e, num momento seguinte, o receptor, assim como Monteiro Lobato deixa de ser o receptor e passa a ser, num outro instante, o enunciador. É esse revezamento de papéis que determina o teor dessa correspondência e depende, em grande parte, da motivação dos interlocutores.

Os procedimentos teóricos metodológicos adotados descartam “a priori” qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” ou a “verdade dos fatos”, as correspondências nos servem como objeto de pesquisa, na medida em que possibilitam o debate das relações entre história e memória, pela questão da temporalidade e pelo enfrentamento da questão da dimensão subjetiva desse tipo de fonte, que é mais uma interpretação do sujeito sobre si mesmo que um relato de fatos, o que beira à ficção. Mark Twain (Schmidt, 2004, p.134) declarou: “(...) A vida da própria pessoa não pode ser escrita” confirmando a defesa da crítica de que a vida só pode ser recriada na escrita. Esta afirmação nos dá a possibilidade de uma análise mais flexível do problema, abrindo espaço para uma discussão que nos permite transitar, sem remorsos ou pudor, entre conceitos filosóficos, historiográficos e literários.

Embora ainda engatinhando, a pesquisa que analisa as cartas trocadas entre o educador do nordeste e o escritor do sudoeste dá indícios de que a escrita epistolar constitui importante instrumento de difusão de ideias e pode revelar o universo cultural que envolve emissor e destinatário, no período de 1928 a 1947. Desse novo olhar sobre elementos culturais representativos de uma sociedade intelectualizada, suponho ter derivado o processo de constituição de uma identidade caetiteense marcada pelas práticas culturais letradas, que garante à cidade o epíteto de **cidade da cultura**.

Anísio Teixeira escreveu que “uma carta (...) é uma cousa viva a falar ainda e a esperar”, frase que anuncia não só a dinâmica que as cartas propiciam às ideias de seus interlocutores, mas também a circulação dessas ideias registradas que falam para além do momento em que foram escritas, viajando em tempos e em espaços diversos, à espera e se oferecendo à pesquisa.

### **Referências Bibliográficas:**

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista de Estudos Históricos**: arquivos pessoais. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, n. 21, 1998.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. **Ao sol carta é farol**. TOPOI, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 206-212. Disponível em:

<[http://revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi08/topoi8res2.pdf](http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi08/topoi8res2.pdf)>Aceso em: 23/fev/2011.

BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima. **Representações da Leitura e da cultura caetiteense na escrita epistolar de Anísio Teixeira**. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC. UFPR, Curitiba, Brasil, 18 a 22 de julho de 2011.

Disponível em <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0726-1.pdf>> . Acesso em 20/01/2011.

BERGER, Manfredo. Educação e dependência. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

BOURDIEU, Pierre (1986). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M.; J. AMADO (Org.), **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FRAIZ, Priscila & VIANNA, Aurélio.(Org.) **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MACIEL, Sheila Dias. **Diários**: escrita e leitura do mundo. Guarapuava- Paraná, v. 3, nº.1, p. 57-62.jan/jun . 2002.

MARTINS, Ana Maria Gomes de Sousa. **Os discursos sobre a educação no Piauí: reflexos dos ideais da Escola Nova – 1920 a 1947**. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí – UFPI. Terezina-Piauí, Brasil, 2009.

Disponível em:

[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2009/Ana\\_maria\\_gomes.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2009/Ana_maria_gomes.pdf)

Acesso: 02.06.2012.

NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na primeira república. São Paulo: EPU,1976.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia**: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927). Dissertação de Mestrado em História, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, 2009.

SANTOS, Matilde Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida**: reflexões sobre a narrativa biográfica. História Unisinos. Vol. 8, nº. 10 jul/dez. 2004, p.131-142. Disponível em:

<[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/sumario\\_historia/vol10n8/15historian10vol8\\_artigo09.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/15historian10vol8_artigo09.pdf)> Acesso em: 10/ mar/ 2011.

TANNO, Janete Leiko. **Os acervos pessoais**: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si. UNESP – FCLAS – CEDAP, v.3, n.1, 2007.

<sup>i</sup> Parte desta pesquisa foi publicada nos Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros-Ética e Estética, UFPR- Curitiba-PR, julho de 2011, com o título: Representações da leitura e da cultura caetiteense na escrita epistolar de Anísio Teixeira.

<sup>ii</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professora assistente do Curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/DCH-Campus VI, Caetité/Bahia; Grupo de pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem- GPCSL/CNPq, Linha de pesquisa: Educação, linguagem, cultura e memória. E-mail: [lucietebastos9@yahoo.com.br](mailto:lucietebastos9@yahoo.com.br)